

EDUCAÇÃO FÍSICA

LETICIA BATISTA BRONEL

**OLHARES SOBRE A PREPARAÇÃO
CÊNICA E A CRIAÇÃO
ARTÍSTICA DA CIA. ÉXCITON**



Rio Claro
2016

LETICIA BATISTA BRONEL

OLHARES SOBRE A PREPARAÇÃO CÊNICA E A CRIAÇÃO
ARTÍSTICA DA CIA. ÉXCITON

Orientador: Prof. Dr. Flávio Soares Alves

Coorientadora: Profa. Ms. Ellen Lirani Silva

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Campus de Rio Claro, como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Educação Física.

Rio Claro

2016

793.3 Bronel, Leticia Batista
B869o Olhares sobre a preparação cênica e a criação artística da
Cia. Éxciton / Leticia Batista Bronel. - Rio Claro, 2016
58 f. : il., fots.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Educação
física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de
Biociências de Rio Claro

Orientador: Flávio Soares Alves
Coorientadora: Ellen Lirani Silva

1. Dança. 2. Aulas de dança. 3. Processo criativo. 4.
Preparação e composição coreográfica. I. Título.

Dedico este trabalho a todos aqueles que contribuíram de alguma forma para minha formação. Em especial à minha família, pelo apoio e à Companhia Éxciton pela contribuição para que esse trabalho fosse concluído.

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus por sempre estar comigo, e me fortalecer durante toda a minha vida, atendendo as minhas preces e me guiando pelo caminho.

Agradeço também aos meus pais, Simone e Gerson, por sempre me darem total apoio, e incentivo, pela paciência e colaboração, sem vocês eu não teria chego a lugar nenhum.

Agradeço também as minhas amigas da Rep. MinaMora, Bruna, Leticia, Marina, Mayara e Nubia, pelos momentos de descontração, pela amizade, pelo companheirismo e pelo incentivo, vocês fizeram toda a diferença na minha vida.

Agradeço as meninas do “quarteto” Julia, Nara e Mariana, por sempre estarem presentes, pela amizade, pelas risadas, pelos desabafos e pelo apoio de sempre.

Agradeço a Carmem Camargo por ter me recebido em sua escola e ter despertado em mim a paixão pela dança, por compartilhar ensinamentos diariamente. E também ao meitrê Fernando Fabbri pelas aulas, pelos conhecimentos, e correções.

Um agradecimento especial a Cia Éxciton por contribuir para a conclusão deste trabalho, por ter me ensinado muito mais do que modalidades de dança, e por me fazer melhorar como pessoa e bailarina.

Agradeço também ao meu Orientador Flávio pela dedicação e paciência que teve com o meu trabalho, cada frase foi revisada cuidadosamente para que o resultado fosse o melhor possível.

Agradeço também a minha coorientadora Ellen por encontrar um tempo para me ajudar em meio a tantas outras tarefas.

Resumo

A “Companhia Éxciton” é um projeto de extensão universitária do Departamento de Educação Física da Unesp, Campus de Rio Claro, que tem como principal característica o desenvolvimento de trabalhos com dança, arte e expressão a partir do trabalho cooperativo e colaborativo realizado por seus membros integrantes. Atualmente a Cia. Éxciton é formada por alunos da Unesp que realizam diferentes cursos de graduação. Basicamente, as ações extensionistas desse projeto se resumem no oferecimento de aulas de dança gratuitas e a montagem artística de espetáculos anuais de dança. Tendo em vista essas ações de extensão, o objetivo dessa pesquisa foi verificar os modos que a Cia. Éxciton vem constituindo suas montagens coreográficas e compreender as relações que estabelece entre preparação corporal/cênica (o momento das aulas de dança) e o processo criativo. Para tanto, partimos de uma pesquisa documental sobre os registros científicos e cadastrais já realizados sobre a Cia. Éxciton para assim situar o contexto desse projeto no âmbito da extensão universitária. Além disso, fizemos observação participante, produção de diários da pesquisadora, realização de entrevistas com os atuais membros integrantes, e relatórios foram produzidos por este mesmos integrantes da atual geração. Neste relatórios os integrantes registraram suas atuações dentro do grupo (planejamento das aulas e práticas de montagem coreográfica), para assim, obtermos dados acerca das propostas assumidas no projeto de extensão. Fizemos uso de princípios da pesquisa qualitativa para dar prosseguimento ao exercício da análise descritiva dos dados, o que tornou possível o mapeamento das ações de extensão da Cia. Éxciton e a verificação das relações evidenciadas nessa pesquisa.

Palavras chave: Cia. Éxciton. Aulas de dança. Processo criativo. Preparação e composição coreográfica.

Abstract

The “Éxciton Company” from Unesp Rio Claro is an extension dance project that has art, expression and dance as main objective, beginning from the cooperative and collaborative work of the group members. All the members of this company are from different courses of the University. Basically, the extension actions of this project are summarized in offering free dances lessons and artistic annual dance shows. Given these extension actions, the aim of this research was to investigate the ways that the Éxciton Company has constituted their choreographies and understand the relationships established between body/scenic preparation (time dance classes) and the creative process. For this purpose, we started from a documentary research about the scientific registries already realized about the Éxciton Company. In this way, it was possible to situate the context of this project in the framework of university extension. We also did: a participant observation, a production of researcher’s diaries and interviews with the current members of Éxciton Company. Reports of current members of the Company were also produced and analyzed. In this reports, the members reported their performances in the group (e.g. classes planning and practices of structuring choreographic), to obtain data about the proposals undertaken in the extension project. We used the principles of qualitative research to continue the exercise of descriptive analysis of the data, which enabled the mapping of extensions actions of the Éxciton Company and the verification of the relationships highlighted in this research.

Keywords: Éxciton company, Dance classes, Creative process, Preparation and choreographic composition.

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. OBJETIVOS.....	10
3. METODOLOGIA.....	11
4. CIA. ÉXCITON: ALÉM DA EXTENSÃO.....	14
4.1. A sala de aula	14
4.2. A instalação do encontro afetivo	15
4.3. O valor do individual na construção do coletivo	16
4.4. Perfil de uma geração	17
4.5. A inegável herança do ballet e o esforço para sua superação.....	19
4.6. O “jeito Éxciton” de escapar da artificialidade	20
4.7. A didática de aula das integrantes da Cia. Éxciton	23
4.8. A noção de treino nas aulas de dança da Cia. Éxciton	27
4.9. Uma história pra contar	29
4.10. Um novo pressuposto metodológico de criação na Cia.	32
4.11. O “jeito Éxciton” de montar coreografias.....	34
4.12. Os passos de criação	40
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
6. BIBLIOGRAFIA.....	47
7. ANEXOS.....	50

1. INTRODUÇÃO

A “Companhia Éxciton” é um projeto de extensão universitária do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Rio Claro, formado por alunos dos cursos de graduação e pós-graduação desta instituição. Foi criada em 1994 sob a coordenação da Prof^a Dr^a Catia Mary Volp, se tornou um projeto institucionalizado que integra o Programa de Atividade Artísticas e Culturais (PAC) da Pró-reitoria de Extensão Universitária (PROEX) da Unesp.

Esse projeto tem como objetivo principal o desenvolvimento de trabalhos artísticos envolvendo dança, arte e expressão e atualmente é coordenado pelo Prof. Dr. Flávio Soares Alves, em parceria com a Prof^a. Dr^a Silvia Deutsch, da mesma instituição acima citada.

Cada um de seus integrantes traz para o grupo suas vivências e aprendizagens em diferentes práticas, como as danças, as ginásticas, os esportes, dentre outras que são integradas de modo inventivo na criação de espetáculos artísticos anuais. Essa diversidade de práticas dá as produções da Cia. Éxciton um caráter plural, desenvolvido principalmente através do trabalho cooperativo e colaborativo de seus membros integrantes.

Além dos espetáculos artísticos, a Cia. Éxciton também oferece aulas de dança à comunidade, atendendo as demandas internas da universidade e também o público local interessado em dança. As aulas acontecem todas as segundas e quartas-feiras, das 18 horas às 19 horas e 30 minutos. Essas aulas são desenvolvidas através do projeto “Aulas Abertas em Cia. Éxciton”, no qual as vivências em dança são estruturadas em diferentes módulos, como, Ballet, Jazz, Sapateado, Dança de Rua, Contemporâneo, dentre outras práticas somáticas, como aula de Condicionamento físico e Pilates, Técnica Klauss Vianna, etc.

É importante salientar que essas aulas de dança são planejadas e ministradas pelos próprios integrantes da Cia, o que reforça o caráter cooperativo e colaborativo desenvolvido neste projeto de extensão universitária. A criação de espetáculos artísticos anuais e o oferecimento das

aulas de dança, portanto, constituem as principais ações extensionistas deste projeto.

Como a gestão criativa e didática destas ações é movida basicamente pela ação cooperativa e colaborativa de seus membros, a Cia. Éxciton desenvolve uma espécie de autogestão que conta com o suporte administrativo, científico e pedagógico de seus coordenadores.

As aulas de dança oferecidas no projeto “Aulas Abertas em Cia. Éxciton” funcionam como práticas de preparação corporal e cênica, a partir das quais a Cia. constitui seus espetáculos artísticos. Essa articulação entre preparação e composição artística é sempre muito bem conversada dentro do grupo ao longo de sua programação anual, inclusive, a cada novo ano essa articulação ganha novos formatos, de acordo com as intenções de produção discutidas em grupo e definidas coletivamente.

Tendo em vista esse contexto perguntamos: Como a Cia. Éxciton vem compreendendo e desenvolvendo suas práticas de composições coreográficas? Que articulações e sentidos podem ser observados entre esse processo de composição e a preparação corporal/cênica desenvolvida nas aulas de dança que oferece? Essas são as questões centrais deste estudo, a partir das quais, lançamos olhares sobre os processos de criação da Cia.

2. OBJETIVOS

- Analisar os modos como a Cia. Éxciton vem movendo seus processos criativos e composições coreográficas;
- Verificar as possíveis relações estabelecidas pela Cia. entre a preparação corporal/cênica e os processos criativos desenvolvidos na produção de seus espetáculos anuais;

Com esses objetivos, abriu-se um campo de discussões sobre os modos como a Cia. Éxciton vem construindo suas próprias articulações entre preparação corporal/cênica, processo criativo e montagem coreográfica.

3. METODOLOGIA

Essa pesquisa fez uso de princípios da pesquisa qualitativa para desenvolver um estudo de caráter descritivo acerca dos processos criativos realizados pela Cia. Éxciton e suas relações com o exercício da preparação cênica/corporal. Para alimentar esse exercício descritivo, buscou-se por relatos dos membros da Cia. Éxciton sobre os modos como entendem e mobilizam a preparação e o exercício da composição coreográfica. Esses relatos foram obtidos a partir da coleta de informações advindas através de relatórios de processo produzidos pelos integrantes da atual formação da Cia. Éxciton (2015).¹

Além disso, foram produzidos diários de campo. Esses diários se constituíram como registros escritos e criados a partir dos envolvimento da pesquisadora com o campo no qual se implicou. Assim, o momento das aulas e o momento da criação das coreografias foram dando elementos para a construção da escrita. É muito importante lembrar que esses diários foram realizados por uma pesquisadora envolvida intensamente dentro do grupo que estudou, tendo em vista que é membro integrante deste grupo desde 2013. Essa notificação é importante, pois caracteriza o exercício da pesquisa intervenção do tipo cartográfica. Dentro desta modalidade investigativa, buscamos respaldo na metodologia cartográfica.

Segundo Passos (2009), a cartografia enquanto método tem como finalidade a análise de processos, realizada por um pesquisador que se reconhece implicado dentro do território que estuda (Passos et al., 2009). Neste sentido, essa pesquisa se configura como pesquisa intervenção e, enquanto tal, não busca engendrar verdades sobre o processo investigado, mas compor “paisagens existenciais” (Deleuze, Guattari, 1992, P. 283). A descrição e análise aqui desenvolvida, portanto, se aproxima do exercício artístico, pois se alimenta das sensibilidades de um pesquisador implicado no território que se propõe estudar/intervir.

Como pesquisadora imersa no território estudado, pude não só contatar os atuais integrantes, para questioná-los sobre seus entendimentos sobre aula

¹ O modelo dos relatórios de pesquisa utilizados nesta pesquisa se encontram em anexo ao fim do trabalho.

de dança e criação coreográfica, mas também realizar um exercício reflexivo levando em consideração minha própria fala como coagente/colaborador/mobilizador do processo estudado. Tudo isto, é claro, sendo validado pelo diálogo constante com os estudos teóricos realizados ao longo desta pesquisa.

Os dezesseis atuais integrantes da Cia. Éxciton foram convidados a participar dessa pesquisa. As entrevistas foram agendadas previamente com cada um dos participantes e foram realizadas individualmente em local privado e seguiram um roteiro semiestruturado (em anexo no final deste material)².

Os relatórios foram compostos por 6 questões abertas que foram respondidas individualmente por cada um dos integrantes (o modelo de relatório está anexado no final desta pesquisa)

A pesquisadora entregou o roteiro dos relatórios para cada um dos integrantes em 22 de Setembro de 2015 e eles tiveram entre 60 e 90 dias para devolvê-los devidamente preenchidos. Assim como as entrevistas, os relatórios serviram como instrumentos de registro sobre os modos como cada integrante entendia o processo criativo e as relações deste processo com o exercício da preparação e da montagem coreográfica.

Tanto as entrevistas quanto os relatórios focaram nas ações atualmente realizadas pela Cia. Éxciton (2015), mas também consideraram as ações desenvolvidas nos últimos 3 anos (2013 a 2015), permitindo que os participantes refletissem sobre as políticas de produção artística definidas pela Cia. Éxciton nos últimos anos. Estamos certos que tal exercício reflexivo contribuiu para o entendimento dos integrantes sobre aquilo que eles próprios realizavam neste projeto de extensão.

Enfim, esse estudo foi organizado como um exercício descritivo sobre as ações de extensão desenvolvidas na Cia. Éxciton e na busca pelos movimentos constituídos nestas ações extensinistas. Na próxima seção iniciaremos uma descrição de como é ser um membro da Cia. e do envolvimento dos membros entre si e com as atividades propostas. Ainda,

² O trabalho foi submetido à apreciação pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Instituto de Biociências da Unesp de Rio Claro e aprovado em 20 de Outubro de 2015. As integrantes da Cia éxciton assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aprovado pelo CEP e com isto puderam participar da pesquisa.

traremos aspectos da estruturação das aulas abertas bem como um passo a passo da montagem dos espetáculos. Toda essa descrição foi amparada por trechos dos diários de campo produzidos pela pesquisadora, pelas entrevistas, pelos relatórios desenvolvidos pelos próprios integrantes da Cia. e, como fio condutor deste exercício descritivo, tomamos os estudos pesquisados, dando assim, validade e amplitude à discussão gerada no encontro com a Cia. Éxciton.

4. CIA. ÉXCITON: ALÉM DA EXTENSÃO

Nesta seção faremos uma descrição das ações realizadas dentro da Cia. Éxciton, ações estas que ultrapassam o compromisso com as ações extensionistas assumidos pela Cia. como por exemplo (oferecer e ministrar aulas abertas gratuitas para toda a população universitária e comunidade local, apresentações artísticas em variados eventos e locais, construção e estreia de espetáculos anuais) e que vão muito além de cumprir cargas horárias, tentando chamar a atenção para os movimentos constituídos nas relações dos integrantes com estas ações assumidas no projeto de extensão. Com isto, esta descrição que aqui se inicia terá como foco a dimensão dos afetos e das forças que dão consistência e intensidade aos encontros com a Cia. Éxciton.

4.1. A sala de aula

Como já descrevemos no início deste trabalho, as aulas de dança oferecidas pela Cia. Éxciton acontecem durante os dias letivos da Universidade, todas as segundas e quartas feiras das 18:00 às 19:30, na sala de dança localizada dentro do Campus de Rio Claro. As aulas são ministradas pelos próprios integrantes da Cia. e são abertas a todo o público universitário e comunidade local.

A sala de Dança chama-se Profa. Dra. Cátia Mary Volp (Figura 1) em homenagem a fundadora da Cia. Éxciton, docente da Unesp que faleceu em 2011. É uma sala com espelhos, possui barra de apoio, aparelho de som, lousa, colchonetes, bancos suecos e *steps*.

Nas paredes da sala, vários quadros com fotos das gerações da Cia. Éxciton mantêm viva a sua história. É neste espaço que a Cia. Éxciton constrói sua “casa” e alimenta suas relações afetivas.

Figura 1. Foto da sala de Dança Profa. Dra. Cátia Mary Volp, do Departamento de Educação Física, Unesp/RC.



4.2. A instalação do encontro afetivo

Os integrantes do grupo passam o dia inteiro na Unesp, tendo em vista que a grande maioria faz cursos integrais de graduação ou pós-graduação. É comum chegarem na faculdade todos os dias às oito horas da manhã e sair só depois das nove da noite, quando as atividades da Cia. Éxciton terminam. Assim, os integrantes sentem que a sala de Dança acaba sendo uma segunda casa, pois passam lá horas e horas convivendo, discutindo e, principalmente dançando, com isso, muitas vezes acabam desfrutando mais deste espaço do que da própria casa onde moram.

Após às 18 horas, com o término das aulas do período da tarde, os integrantes se encaminham para a sala de dança. Um a um vão chegando na

sala, assim, aos poucos, o clima de afetividade vai sendo instalado entre conversas, risadas, desabafos e alegrias. Fica evidente que os integrantes da Cia. Éxciton não vão para sala de dança apenas para desempenhar uma mera atividade de extensão universitária que rende horas de atividade acadêmica. Aquele momento tem uma dimensão formativa muito mais intensa, pois une os integrantes com laços de carinho e afeição.

4.3. O valor do individual na construção do coletivo

Os integrantes da Cia. Éxciton respeitam muito uns aos outros. Do respeito nasce e cresce uma intensa relação de amizade que é ampliada por um assunto em comum: a paixão pela dança.

E por que é tão importante, neste momento, falar de paixão, amizade e afetividade? Pois ao falar sobre estas coisas, aparentemente alheias a um discurso acadêmico, vamos ao encontro das especificidades da Cia. Éxciton no âmbito da extensão universitária.

Como já salientando, a Cia. Éxciton é um projeto de extensão que trabalha prioritariamente com dança, arte e expressão. Para tanto, busca respaldo não só nas várias linguagens da dança presentes na cultura corporal de movimentos, mas também na linguagem dos esportes, das ginásticas, das lutas, dentre outros referenciais que adentram o grupo junto com as características individuais de cada integrante.

Cada membro é extremamente importante dentro do contexto da Cia. Éxciton, pois traz características individuais que ajudam a compor a “cara” da atual geração do grupo. Estas características individuais são formadas, primeiramente pelas experiências corporais anteriores dos integrantes, cultivadas na época da infância e adolescência.

Alguns integrantes vieram do ballet clássico, outros do sapateado, da dança de rua, mas existe também aqueles que nunca tiveram experiência com dança, pois vieram dos esportes, das ginásticas ou de outras práticas. O interessante é que mesmo os que não têm experiência com dança também ajudam a compor as práticas de dança e criação da Cia. Éxciton, pois o grupo

entende que a diferença é alimento para o processo criativo e para a consequente ação extensionista que daí se desdobra.

Neste clima de diversidade que faz de cada participante um integrante único e por isto mesmo especial, o importante é perceber as individualidades para observar as possibilidades de criação em dança que surgem a partir destas experiências pessoais. Desta forma, a Cia. Éxciton consegue compor uma experiência plural na área da dança, pois busca valorizar a individualidade de seus integrantes e o potencial de invenção gerado na relação de colaboração e cooperação constituído no grupo.

O que acima acabamos de relatar, é o motor principal das práticas extensionistas da Cia. Éxciton. Para falar um pouco mais sobre a especificidade desta atividade é preciso ocupar nossa atenção um pouco mais detidamente sobre o perfil dos integrantes da atual geração.

4.4. Perfil de uma geração

Alguns integrantes da atual geração iniciaram na dança desde criança, como relatam:

“Meu contato com a dança se iniciou em 2006, quando tinha 11 anos. Inicialmente comecei como apenas uma forma de atividade física, duas vezes na semana com a modalidade de jazz, posteriormente inclui o ballet clássico na mesma frequência” (A.M. membro da Cia. desde 2014).

“Comecei a dançar ballet com 5 anos de idade. Quando criança eu amava dançar e sempre pedia para meus pais me colocarem no ballet, e depois de um tempo consegui o que eu almejava”, outras só foram ter contato depois de adultas. (A.C. membro da Cia desde 2012).

Além de idade de ingresso e período de experiência com dança, as modalidades praticadas entre os integrantes também é diversificada, *“Pratico ballet clássico, sapateado e contemporâneo”* (N.F. membro da Cia desde 2012).

“Já pratiquei, ballet clássico, jazz, dança do ventre, contemporâneo, dança de salão e dança de rua.” (A.W. membro da Cia desde 2014).

No geral as modalidades mais praticadas são o ballet clássico, jazz e dança contemporânea. Muitos ainda praticam essas modalidades, outras só praticaram por um período, mas o interessante a ser ressaltado é que

independente do ballet clássico estar entre as modalidades mais praticadas, quando responderam ao questionário sobre a preferência por alguma modalidade a maioria respondeu contemporâneo ou jazz, por julgarem que essas modalidades permitem mais liberdade de movimento, condição essa que a técnica do ballet clássico não permite.

“Atualmente gosto mais de jazz e dança de rua.

Gosto do jazz pois não é tão rígido quanto o ballet, mas há delicadeza nos movimentos. O jazz possui movimentos leves e ao mesmo tempo forte e gosto disso e me sinto muito bem.”
(A.C. membro da Cia desde 2012).

“Contemporâneo, pelo fato de liberdade de movimento, a desconstrução que essa modalidade trás, e pelas possibilidades de diferentes expressões e sentimentos que podem ser colocados e incorporados pelo corpo, para transmitir para o público uma realidade, acredito que essa modalidade está para além de como muitas vezes a dança é interpretada. Me sinto mais confortável, e livre, com uma vontade de dançar sem cobranças, apenas fluindo nos movimentos através do que se sente.” (J.C. membro da Cia desde 2013).

Curiosamente na atual geração (2015), todos já tiveram experiências anteriores com dança, sendo esta a principal justificativa por terem procurado a Cia. Éxciton após o ingresso na universidade. No entanto, é sabido que ao longo dos 20 anos de história da Cia. Éxciton foram muitos os integrantes que entraram neste projeto sem ter qualquer experiência anterior com dança, tendo vindo dos esportes, das lutas, das ginásticas, ou de outras linguagens. Esta formação diferenciada é desejável dentro da Cia. Éxciton, pois ajuda a compor essa linda colcha de retalhos que caracteriza a diversidade de valores individuais deste projeto.

Uma outra curiosidade que vale ressaltar é que muitos integrantes que passaram pela Cia. Éxciton são de outros cursos de graduação ou pós-graduação, diferentes do curso de Educação Física. Atualmente, por exemplo, contamos com a participação de uma aluna, que veio do curso de Ciências Biológicas, e uma outra, que veio do curso de Geografia, e ainda dois membros que não fazem parte da graduação da Unesp, e são membros da comunidade local. Embora também tenham tido experiências anteriores a graduação com dança, o fato de escolherem outro curso de graduação diferente do curso de Educação Física já ajuda a trazer e valorizar esta diversidade dentro projeto.

4.5. A inegável herança do ballet e o esforço para sua superação

Como dito anteriormente, as experiências anteriores dos integrantes são decisivas para formar a “cara” da atual geração. Como muitos vieram do ballet, é inegável a presença desta herança nas aulas e nas práticas de criação, no entanto, a Cia. Éxciton vem, já há um tempo, se preocupando com a necessidade de superar esta herança, na busca de outros referenciais que diversifiquem as práticas de produção de dança da Cia. Esta herança é dual: pode ser muito benéfica de um lado (pois traz disciplina corporal e uma série de outros benefícios físicos e estéticos), mas, por outro, é também bastante limitada e limitante. Para explicar um pouco mais o que significa a dualidade desta herança é importante ocuparmos nossa atenção agora na análise da linguagem do ballet clássico.

Segundo Bourcier (2001), a dinâmica do ballet torna-se de uma mecânica quase tão precisa quanto a de um relógio, assim pontua:

“uma coreografia acadêmica é como uma cerimônia de corte, com todas as suas funções, submetida a uma marcação imposta. No academismo, os passos, piruetas, deboulés, fouettés, entrechants, saltos de qualquer natureza, giros no ar, são levados ao extremo de sua beleza formal, de sua artificialidade.” (Bourcier, 2001, p. 221).

A questão a se considerar aqui é: se a perfeição técnica torna-se uma obsessão dentro do ballet clássico, o valor expressivo da dança é subjugado à forma dos movimentos, como consequência, o fazer artístico passa a estar condicionado a aquisição de padrões estereotipados que precisam ser assimilados, do contrário o bailarino não faz a arte da dança clássica. O problema é que ao supervalorizar a busca destes padrões estereotipados, o ballet clássico historicamente foi se prendendo a este academicismo, como resultado, sua arte foi se tornando extremamente formal e artificial (Bourcier, 2001).

Convém salientar, no entanto, que para muitos autores, o problema não está na técnica em si, mas no sistema de ensino. Para Moraes, (2016), por

exemplo, não é preciso eliminar o código, o importante é saber repensar as estratégias de ensino/aprendizagem e as ideologias que permeiam a perpetuação do ballet dentro do universo da dança. Para que o ballet faça sentido atualmente, podemos manter o código e jogar fora outras coisas tradicionalmente ligadas a ele: o ideal inatingível, a hierarquia militarizada das escolas e conservatórios, a tirania do coreógrafo que lida com os corpos dos intérpretes como se fossem meras engrenagens substituíveis de um sistema.

Graças ao foco na diversidade e no diálogo com as múltiplas linguagens corporais que adentravam no grupo junto com seus integrantes, a Cia. Éxciton foi aprendendo, ao longo de sua história, a lidar com a influência do ballet clássico, tentando aproveitá-la, em alguns casos, mas também tentando se esquivar dela nas práticas de criação.

Segundo Bourcier (2001), para aprimorar esta habilidade de esquivo, que nos mantém ligado à forma do movimento nas práticas de criação, é preciso valorizar a busca pelos sentidos dos movimentos. Para este autor, o verdadeiro artista deve alcançar regiões bem mais profundas que aquelas reveladas pela beleza formal. Para Moraes:

“o ballet clássico pode se tornar uma forma de treinamento saudável, eficiente, crítico e criativo, desde que abandonemos o modelo do corpo idealizado e o ensino militarizado que massacram principalmente as jovens, objetificando seus corpos e docilizando suas ações.” (2016)

Seguindo o pensamento de Moraes (2016), se nas aulas de dança valoriza-se o modelo de corpo ideal, esta valorização se reflete também na prática da montagem coreográfica, pois uma é o espelho da outra. Assim, se nas aulas buscamos formas ideais, a prática da criação também é idealizada, como consequência, os movimentos se tornam artificiais e cristalizados.

4.6. O “jeito Éxciton” de escapar da artificialidade

Se recuperarmos a história da Cia. Éxciton, é possível observar que desde o princípio o grupo esteve preocupado não com a forma, mas antes com a expressão. Para constatar isto podemos recorrer a vários argumentos, o primeiro deles já foi exposto aqui neste estudo e refere-se à diversidade de

linguagens nas práticas de criação deste projeto de extensão. Tal diversidade, como já amplamente discutida, parte da valorização das características individuais de seus integrantes, advindas de suas experiências artísticas e corporais cultivadas na infância e adolescência.

Outro argumento que podemos aqui reclamar para constatar a preferência da Cia. Éxciton pela expressão, em detrimento da formalidade está impresso no próprio nome da Cia., que antes de se chamar “Éxciton” denominava-se “Grupo Unesp Arte Expressão”, portanto, nas raízes deste projeto, já se encontrava a intenção de se ir além da forma, na busca pelo intensivo, ou seja, na busca daquilo que liga o movimento a sentidos muito mais profundos que a mera superficialidade formal dos passos coreografados.

Esta preocupação pode ser detectada no depoimento de várias integrantes. A.C, integrante desde 2012, assim argumenta, quando perguntada sobre as diferenças entre a Cia. Éxciton e as academias de dança nas quais dançou:

“Quando paro para refletir sobre as principais diferenças entre a Cia Éxciton e as academias tradicionais de dança, a primeira coisa que me vem na cabeça é a liberdade. É possível alcançarmos movimentos que sempre sonhamos em fazer, mas que eram “proibidos” nos moldes de algumas danças”... e também a expressividade, isso porque, por mais que os objetivos da companhia sejam trabalhar, com arte, expressão e dança, acredito que a expressão é um dos mais importantes dentre eles, e isso é notável...”

Fica evidente, portanto, a preocupação com a expressividade dentro da Cia. Éxciton.³

³ Como respaldo teórico dos projetos da Cia. Éxciton cadastrados anualmente na pró-reitoria de extensão universitária (UNESP/PROEX), os coordenadores buscaram a leitura de Laban, dentre outras, para compreender a noção de expressividade. Para ampliar esta discussão aqui observada, mas, ao mesmo tempo situá-la de modo objetivo, iremos considerar apenas a leitura Labaniana, pois ela, por si só, já nos dá uma noção ampla daquilo que a Cia. Éxciton entende como sendo expressividade. Para Laban (1978), a expressividade coloca em cena os elementos que compõem o movimento corporal. Todo e qualquer movimento tem um PESO, é realizado em um TEMPO, com uma certa FLUÊNCIA, e em um determinado ESPAÇO. O estudo da expressividade, na leitura de Laban, revela as qualidades do movimento dentro dessas quatro categorias que se apresentam como projeções de uma atitude interna que reclama por expressão através do movimento corporal. Com esse discurso analítico, Laban ajuda a compor um pensar em termos de movimento que considera seus elementos constitutivos. Nesse sentido, a expressividade labaniana ajuda o pesquisador do movimento a verificar aquilo que Merleau - Ponty (1999) diria se tratar de gesto expressivo, compreendendo-o como discurso imediato do indivíduo que o expressa com o mundo da percepção que não é outro, senão o nível da percepção corpórea.

No projeto “Aulas Abertas em Cia. Éxciton” também encontramos argumentos para constatar esta preferência da expressão em detrimento da mera formalidade. De maneira geral as aulas oferecidas pela Cia. Éxciton são bem diferentes das aulas tradicionais de academias de dança. O público que frequenta as aulas não é dividido por faixa etária, tipo físico, ou habilidade como a didática clássica prudentemente o faz. Lidamos, ao mesmo tempo com adolescentes, adultos, crianças, pessoas que já tiveram experiência com dança e outras que não tiveram, assim, as aulas são abertas à diversidade. Para atender essa diversidade sem excluir ninguém é preciso “afrouxar” as exigências técnicas formais, na busca de outros princípios, assim, muito mais que a forma, importa a conscientização, muito mais que o código, importa o sentido, a expressividade. Para tanto, a Cia. Éxciton valoriza estratégias didáticas que ativem a criatividade e a habilidade crítica e expressiva do aluno.

Para a Cia. Éxciton, uma aula de dança não se resume apenas à reprodução de passos, as aulas também são momentos de diálogo, de troca, criatividade e expressão. É comum durante as aulas questões sobre história, filosofia, cultura, ou mesmo questões cinesiológicas que permitam um retorno da atenção sobre o corpo e conseqüente ampliação da consciência corporal.

Convém salientar, no entanto, que embora a Cia. Éxciton tenha uma preocupação maior em valorizar a expressividade, isto não significa que esteja alheia ao ensino das técnicas. É claro que este ensino também tem espaço dentro do Projeto “Aulas Abertas em Cia. Éxciton”, mas o importante é entender e vivenciar as várias facetas deste aprendizado técnico.

É fato que qualquer movimento necessita de técnica para ser realizado, o problema é entender a noção de técnica apenas como domínio de um determinado estilo de dança, dotado de formas prontas e cristalizadas.

Toda técnica é constituída por uma série de códigos e no ballet clássico não é diferente, assim, adentrar na técnica do ballet clássico, ou em qualquer outra técnica cultural e historicamente constituída, implica em vivenciar os procedimentos a partir dos quais o domínio sobre este código foi sendo adquirido pelos seus agentes. Portanto, esses procedimentos também fazem parte das aulas de dança. O que não pode acontecer é restringir o ensino a esta dimensão tecnicista de aprendizagem.

Enfim, para compreender um pouco melhor as características das aulas de dança da Cia. Éxciton é importante compreender melhor os módulos (cursos) oferecidos por este projeto de extensão, na busca pelos modos como cada integrante se apropria das modalidades trabalhadas, dando-lhe novas dimensões a partir da preocupação com a diversidade. É sobre isso que trataremos no próximo item.

4.7. A didática de aula das integrantes da Cia. Éxciton

Como já explicitado nesta pesquisa, o projeto “Aulas Abertas em Cia. Éxciton” é desenvolvido através do oferecimento de módulos (cursos) com duração de um mês. Já há alguns anos que a Cia. Éxciton vem aprimorando as características desta ação extensionista.

Independente de qual modalidade será trabalhada, os módulos geralmente são iniciados com explicações introdutórias, nas quais fala-se sobre história, contexto cultural de surgimento e principais características da modalidade, assim os alunos podem visualizar melhor o que será trabalhado durante aquele mês.

Embora haja esta estruturação didática básica, cada integrante faz adequações a essa estruturação a depender de seus conhecimentos e interesses. A.W. por exemplo, integrante do grupo desde 2014, quando dá aulas de Dança de Rua no projeto, tenta chamar atenção para as diferenças entre estilos que compõem essa modalidade específica. Assim relata:

“Priorizo nas minhas aulas de dança de rua fazer o público entender qual o contexto de cada estilo, como se formou, porque é dançado daquela maneira e passar de um jeito didático alguns fundamentos principais, jogos diferentes, como aquela dança é realizada.”

Já J.C, ingressante em 2013, se preocupa com o desenvolvimento da consciência corporal. Quando questionada sobre o módulo de dança que monitorou, intitulado “Mova-se”, assim se relatou:

“... tínhamos em mente proporcionar aos participantes diferentes vivências de práticas corporais, trazendo elementos como consciência corporal, capacidades físicas etc. Com isso trouxe uma aula, com objetivo de fazer uma vivência com o kung-fu (modalidade que pratico paralelamente a dança), arte marcial que tem grande foco na respiração, e estimular essa consciência corporal foi meu principal objetivo, utilizei de

movimentações básicas mas de baixa complexidade para que todos pudessem participar.”

N.F, integrante desde 2012, já tem outra preocupação: fazer o aluno fugir do convencional. Assim relata:

“Procuró sempre fazer com que a aula fuja do convencional, ou seja, que não fique sempre o professor na frente e os alunos copiando. Procuró sempre passar atividades lúdicas voltadas para a modalidade, passo um pouco da história de cada modalidade, vídeos, fazendo com que a aula ficasse dinâmica. Como tinha que ministrar pelo menos uma aula de cada modalidade e tem algumas que não dominava muito, as vezes pedia ajuda para alguém da companhia para dar a aula em conjunto.”

Outros integrantes, por sua vez, se baseiam nos conhecimentos aprendidos nas aulas que praticam, ou praticaram em academias de dança, como é o caso de M.P, integrante desde 2014:

“Para planejar a aula, primeiro é estabelecido o objetivo e a partir disso são resgatados elementos das aulas que já participei fora da Companhia para me auxiliarem. (...) Em cima disso eu faço uma pesquisa do que pode ser acrescentado e sobre a história do módulo em questão. (...) Dentro da Cia o que mais me preocupou foi na justificativa do que eu passaria na aula, o porquê de estar passando certo exercício e os elementos que os compõem.”

Sobre a estruturação da aula, citada no fragmento de relato acima, F.H outra integrante desde 2015, salienta:

“... tento me preocupar mais com o conteúdo que será passado na sua aula, e com a sequência que essa aula terá. Busco trabalhar na barra exercícios que posteriormente irei necessitar no centro, por exemplo se eu pretendo trabalhar com muita transferência de peso nos exercícios do centro, eu busco trabalhar isso nos exercícios da barra.”

Cada integrante da Cia. Éxciton fica responsável por um módulo ou, pelo menos por uma aula de dança dentro de cada módulo, assim, todas os integrantes acabam passando por esta experiência de monitoria. É comum acontecer monitorias em dupla. Esta estratégia é interessante, pois a dupla acaba aprendendo uma com a outra e, com isto, os estilos de aula de cada um acabam se somando, permitindo releituras do modo tradicional de ensino.

Seja monitorando sozinho, em parceria, ou fazendo a aula de outro integrante, como aluno, as aulas de dança da Cia. Éciton acabam funcionando como momentos de integração, nos quais os integrantes agregam conhecimentos e ampliam suas noções de dança.

Além disso, as aulas de dança realizadas têm uma função bastante específica para os integrantes: prepará-las corporal e cenicamente para a construção do espetáculo artístico que desenvolvem no final do ano. Sobre isto, as integrantes relatam:

“... as aulas foram a base de tudo nas minhas composições coreográficas. Eu utilizava da “junção” dos movimentos aprendidos para transmitir algo por meio da coreografia. Sempre pensava em usar diferentes formações e planos nas danças que isso era possível.” (A.C. integrante desde 2012).

“Acho que as aulas de dança são um momento importante para trazer algo de diferente, dessa maneira contribuem para a soma de ideias e movimentos que podem e devem ser utilizados nas montagens coreográficas.” (A.W, integrante desde 2014).

“As aulas proporcionam a todos nós da Cia. um maior repertório de movimento, já que temos a oportunidade de diferentes integrantes ministrarem as aulas, e ainda pelo fato de os alunos que veem de fora terem um diferente repertório daquele que já conhecemos. As aulas abertas acabam sendo uma troca muito interessante para o grupo, que vem de diferentes caminhos, tanto da comunidade, como dos próprios integrantes, e com certeza essa vivência vai refletir no processo de criação de nossas coreografias. As experiências e movimentos são incorporados transformando em uma nova composição coreográfica.” (J.C, integrante desde 2013).

“As aulas me trazem novas possibilidades de movimentos, já que entro em contato com técnicas distintas pelas quais pratico. Esses novos movimentos aparecem em minhas composições coreográficas.” (C.S, integrante desde 2009).

Nestes trechos acima, fica claro, portanto, que as aulas de dança funcionam como espaços de experimentação corporal e cênica que influenciam diretamente no exercício da montagem coreográfica.

O aproveitamento nas coreografias dos movimentos realizados nas aulas, no entanto, não é tão simples. Ou seja, não se trata apenas de pegar pura e simplesmente um movimento vivenciado e introduzi-lo na sequência de movimentos da coreografia, é preciso contextualizá-lo, como salienta A.W, membro da Cia desde 2014.

“É bastante comum utilizar a grande maioria dos movimentos que aprendemos em aula para as coreografias, pois é algo que já está no nosso repertório corporal, então procuro trazer além dos movimentos aprendidos, um pouco de contextualização para que o movimento não fique solto ou sem intenção dentro da coreografia.”

Esta contextualização, no entanto, não é fácil! O que era apenas um “passo de dança”, precisa se transformar em gesto cênico, ou seja, ganhar sentidos e significados dentro da coreografia.⁴

Para José Gil (2005), na montagem coreográfica é possível ler, nos gestos do bailarino, “frases” bem escritas ou confusas, sequencias de movimentos de onde o sentido irrompe ou de onde se ausenta (p. 85). Neste sentido, a dança revela ao espectador múltiplos afetos de vitalidade, bem como a sua variação, sem remeter para a intriga ou para sinais de afetos categoriais de onde poderiam derivar os afetos de vitalidade. O coreógrafo tenta, as mais das vezes, exprimir uma maneira de sentir, e não um sentimento particular. (Gil, 2005, p. 87).

Os integrantes da Cia. Éxciton estão atentos à esta necessidade observada por José Gil. Quando perguntadas sobre como contextualizam os movimentos dentro da montagem coreográfica assim N.F e M.P argumentam:

“Eu me vejo como uma pessoa que tem muita dificuldade em montar coreografias, demoro muito tempo para chegar no resultado que eu quero, então tento abstrair da Éxciton o máximo de ideias que consigo. O movimento de aproveitamento e/ou transformação dos passos aprendidos em aula no exercício da composição coreográfica é fabuloso, mas é preciso fazer com que o movimento deixe de ser um simples movimento para ter um significado.” (N.F, integrante desde 2012).

“... esse aproveitamento dos passos aprendidos nas aulas abertas, são uma transformação daquilo que aprendemos em aula. Não é uma cópia! Os passos aprendidos sempre deixam algum ponto em especial que marca, e é a partir desta marca

⁴ O termo coreografia começou a ser usado por Raoul Auger Feuillet, mestre de ballet na corte de Luiz XIV, em 1700. No início o conceito identifica um conjunto de sinais gráficos que registram movimentos do corpo no papel, ou seja, a palavra coreografia nasce para designar a notação (grafia) da dança (na ocasião, nomeada a partir de uma dança grega em círculos, a coreia/xopeia). Porém, a disseminação do termo não se manteve fiel ao seu início, deixou de ser essa escrita dos passos de dança e passou a ser a própria dança, ou seja, o conjunto de ações que deveriam ser realizadas pelos que dançam. (Kaiz, 2013, p. 43). Passando a ser tratada como a linguagem pessoal de cada um dos criadores de dança, ou seja, os coreógrafos, a coreografia torna-se aquilo que quem quisesse dançar deveria aprender. (Kaiz, 2013, p. 44).

que flui a composição da coreografia.” (M.P, integrante desde 2014).

Na fala dos integrantes é possível verificar uma preocupação em se contextualizar o movimento dentro da coreografia, evitando a pura e simples cópia do mesmo. Mas como fazer isto?

Trebles (2003) afirma que os movimentos na montagem coreográfica precisam estar ligados, conectados, tornando fundamental o conceito de intencionalidade. De acordo com Lima (2013) os elementos que constituem a composição coreográfica são: movimento humano, expressividade e técnica. Para que esses três elementos componentes da coreografia sejam observados, o coreógrafo precisa trabalhar com sua intuição, com sua intencionalidade e com sua percepção, do contrário o fenômeno coreográfico não ganha qualidade estética.

Para se atingir essa qualidade estética é necessário desenvolver um certo treinamento sem o qual o coreógrafo não vê sentido em incluir na montagem coreográfica os movimentos vivenciados nas aulas. Esse treinamento, no entanto, não é um treino qualquer, até porque, a noção de treino (historicamente constituída no campo do desporto, ou mesmo no campo da dança rendida ao ostensivo academicismo e tecnicismo clássico) não nos ajuda a pensar como realizar efetivamente esta contextualização/ transformação dos movimentos nas coreografias.

É por isto que, antes de prosseguir, precisamos primeiramente entender melhor essa noção de treino aqui suscitada.

4.8. A noção de treino nas aulas de dança da Cia. Éxciton

Quando falamos de “treino” dentro do contexto da dança, parece que nos referimos àqueles exercícios clássicos feitos na barra e no centro, os quais são repetidos inúmeras vezes na busca obcecada pelas “linhas” e consequente perfeição técnica. Essa noção de treino é bastante restrita, pois traz à tona

ideais tecnicistas que contaminaram (pra não dizer “assolaram”) o academicismo clássico ao longo de sua história.⁵

Pensar o aproveitamento dos movimentos vivenciados nas aulas dentro das coreografias neste contexto restrito é subjugar os sentidos do gesto cênico à sua forma, algo bastante presente na ação educativa das academias de dança.

Não é sobre esta noção de treino acima verificada que compreendemos as aulas de dança da Cia. Éxciton. As aulas, ou mesmo os momentos de ensaio das coreografias não buscam pura e simples perfeição técnica e estética, e nem poderiam, uma vez que não é objetivo da Cia. Éxciton a formação de bailarinos profissionais.

A superação dos limites, no caso da Cia. Éxciton, não está na constituição dos passos de dança, mas no movimento dos relacionamentos, no traço, nem sempre fácil, do diálogo, da troca, da interação com a diferença estampada na face do outro, parceiro do processo de criação. O treino, portanto, não faz alusão ao correto, ao tecnicamente certo, mas sim ao exercício da composição, da liga forjada como colcha de retalhos e que é bela justamente por evidenciar esses retalhos, isto é, estas expressões individuais irredutíveis, que fazem de cada membro da Cia. Éxciton, um integrante único que não se confunde com outro, senão consigo mesmo e com sua inconfundível expressividade.

Reconhecer esta característica estética da Cia. Éxciton como uma característica de fato e não uma falha, ou deficiência técnica de suas integrantes, também não é uma tarefa simples e gratuita. A.M, por exemplo, integrante desde 2014, relata que inicialmente estranhou um pouco esta característica singular da Cia. Assim relata:

“Minha primeira experiência como coreógrafa na Cia. não foi muito positiva, pois alguns bailarinos não acompanhavam de maneira confortável a minha proposta, justamente pelo nível de complexidade de alguns movimentos e também pela significação dos mesmos. Foi uma reprodução de movimentos técnicos que, quando inseridos numa sequência gerava muitos conflitos e dúvidas. (...) Logo essa experiência me fez repensar na importância de adequar a minha proposta aos corpos que possuo. Não adianta impor a reprodução de um movimento

⁵ Segundo Vigarello treinar é dar a si mesmo os meios que “naturalmente” não se impõe. (p. 249). Neste sentido, o treino desenvolve procedimentos de forma paciente e calculada.

para um terceiro corpo, se aquele movimento está incorporado apenas por mim.”

Como se vê, portanto, o treino, para a Cia. Éxciton, não concorre para a delimitação formal dos passos coreografados, permitindo assim sua reprodução mecânica restrita unicamente à forma. O treino é momento de aprimoramento da expressividade das integrantes que impede que o passo de dança coreografado vire linha de produção industrial.

É claro que um mínimo de harmonia formal é desejável. Os movimentos em grupo, para serem harmônicos precisam suportar certas doses de alinhamento e condução. Os vetores de força, por exemplo, têm direcionamentos definidos (vão para cima, para baixo, para esquerda, ou para a direita, demarcam diagonais, umas mais abertas, outras mais fechadas, definem planos de movimentação, etc.), mas cada corpo, a seu modo faz a leitura destes vetores levando em consideração seus próprios referenciais proprioceptivos e, no principal, suas intenções de expressão, ou seja, para além das óbvias diferenças físicas (cada um tem um corpo, um centro, um ponto de equilíbrio, um biótipo, etc.), a expressividade é irredutível e não pode ser confundida com outra sem antes perder o que lhe é essencial: a atitude expressiva. E é justamente para não perder esse essencial que as integrantes da Cia. Éxciton mantem o treino, constituído principalmente no momento das aulas de dança e nos ensaios das coreografias, dentro de outras prerrogativas que valorizam a expressividade em detrimento da mera e restrita forma.

4.9. Uma história pra contar

Para chegar neste entendimento de dança não foi uma tarefa fácil! Ainda mais considerando o que já foi aqui exposto: grande parte das integrantes da Cia. Éxciton têm enraizado nos músculos os princípios da técnica clássica que, muitas vezes, assumem um fim em si mesmos ao valorizar a forma em detrimento da expressão.

A força deste legado era tanta que a Cia. Éxciton assimilava traços clássicos sem nem mesmo perceber. Por exemplo, por muitos anos os espetáculos da Éxciton contavam como figurino base o uso de collants, meias

calça e sapatilhas de ballet. A opção pelo coque no cabelo completava o visual clássico. Certa vez, em uma apresentação, fomos questionadas pela plateia acerca desta opção de figurino. A pergunta foi mais ou menos assim: *“Por que a opção pelo visual clássico, quando a ideia do espetáculo é justamente romper com o ideal de corpo implícito no classicismo?”*

A discussão desta questão aconteceu na ocasião de uma apresentação da Cia. Éxciton no “Inter-Bio”, realizado na Universidade Federal de São Carlos (UFsCar), em 2013. A pergunta veio da plateia no momento final da apresentação, quando a Cia. Éxciton reserva tempo para conversar com o público sobre a obra de arte contemplada no palco. O espetáculo levado para apresentação foi o “Em Obras” que tinha como tema principal, repensar os referenciais de produção em dança. Para colocar esta ideia em cena a Cia. Éxciton trabalhou com temas como corpo, gênero, ritmo, dentre outros temas que ajudaram o grupo a “colocar em xeque” seus velhos referenciais de produção.

Desde este acontecimento, a Cia. Éxciton têm se esforçado em repensar seus figurinos, tentando adequá-los a ideia dos espetáculos que produz. Os collants, meias e sapatilhas deram lugar a peças de roupas diversificadas como saias, shorts, calças, e camisetas. No espetáculo “África em Nós” (2015), por exemplo, a dança acontece com pés descalços. A escolha pelos pés em contato direto com o chão não tem a ver apenas com o tema, mas também com a necessidade de uma ruptura com a estética e técnica clássica vivida por muitas integrantes dentro das academias de dança.

Fica claro, portanto, que o legado da técnica clássica é uma realidade dentro da Cia. Éxciton, tendo em vista que, a maioria dos integrantes têm o ballet clássico como principal referencial de formação em dança. No entanto, é notório também, que a Cia. Éxciton não se restringe a esta herança, inclusive, a possibilidade de romper com ela é estímulo para as produções de arte desta Cia, prova disto é que a grande maioria das coreografias criadas e dançadas pela Cia. se enquadra na categoria livre, ou seja, não são coreografias específicas de uma ou outra técnica de dança. Claro que existem exceções, como por exemplo nas coreografias de sapateado, mais no geral a maior parte das coreografias dos espetáculos é predominantemente livre, onde se mesclam

elementos do ballet clássico, como a postura, os “*elevés*”,⁶ as pontas de pé esticadas, com a liberdade de movimentos do contemporâneo, e os passinhos do jazz, com a ginga e o estilo da dança de rua, e assim são compostas as coreografias da Cia. com essa liberdade de movimento, juntamente com a expressividade, tornando cada espetáculo único. Muitas integrantes relatam sobre esta característica peculiar da Cia. Éxciton na criação de suas danças. A.C, ingressante em 2012, por exemplo, assim pontua:

“Quando eu entrei na Cia, minha visão de coreografia mudou bastante, pois não precisávamos seguir nenhum padrão de dança. A maioria de nossas danças se encaixa na categoria “livre”, e me senti muito a vontade de criar os movimentos que eu achava que ficariam bons naquele momento da coreografia. Claro que não é possível dispensar todo o meu repertório de movimento aprendido durante todos esses anos de dança, ou seja, ainda há e sempre irá haver influência de toda a experiência que vivi.”

O depoimento de A.C ajuda a reafirmar esta ideia de que a herança advinda de nossas experiências anteriores com dança não pode ser totalmente negada, pois ela se faz presente de uma maneira ou de outra, mas muito mais do que identificá-la, o importante é superá-la na busca de outros referenciais.

Heller, (2003) destaca:

“... enquanto o movimento for compreendido como escravo de uma consciência ou de um pensamento, não poderá haver uma compreensão adequada de técnica enquanto criação e expressão” (p. 126).

Na busca por esta libertação que atrela o pensamento (e a criação em dança) às heranças do tecnicismo clássico, a Cia. Éxciton buscou por outros referenciais de criação em dança que oferecessem contrapontos àquilo que estava enraizado nas experiências anteriores das integrantes com dança. Foi nesta busca por novos referenciais, que recentemente a Cia. Éxciton encontrou apoio e interesse na Técnica Klauss Vianna. É sobre isto que trataremos a seguir.

⁶ Elevé, se trata de um passo dentro da linguagem do ballet clássico, onde o bailarino se encontra com todo o corpo sustentado pela planta dos pés e dedos, ou seja na “meia ponta”, é um dos passos mais comuns e mais vistos nas coreografias clássicas.

4.10. Um novo pressuposto metodológico de criação na Cia.

No ano de 2015, uma das integrantes da Cia. desde 2009, desenvolveu um trabalho com a Cia. baseado na Técnica Klaus Vianna (TKV).⁷ O objetivo foi desenvolver um trabalho sistematizado com esta técnica que inspirasse os integrantes à experimentação de outros modos de pensar o processo criativo e as montagens coreográficas dos espetáculos anuais da Cia.

Neste exercício didático, uma das integrantes colocou em prática seus conhecimentos sobre a TKV aprendidos no curso de especialização em Técnica Klaus Vianna que está finalizando na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, sob a supervisão de uma docente da Universidade. A integrante iniciou este curso em fevereiro de 2014, movida por seus interesses pela dança. Integrante da Cia. Éxciton desde 2009, ela sempre quis expandir seus conhecimentos sobre dança e viu neste curso de especialização uma oportunidade. Sempre foi muito grata pelas experiências aprendidas dentro da Cia. Éxciton e sempre quis retribuir, de algum modo, estas aprendizagens para ajudar a Cia. a aprimorar suas práticas de criação, assim, em 2014, apresentou para o grupo o interesse que tinha de realizar sua monografia de conclusão do curso de especialização com a Cia. Éxciton e deste interesse surgiu a ideia das oficinas. O grupo discutiu e viu, de bom grado, que esta experiência seria enriquecedora para ambas as partes, assim em 2015, a Cia. Éxciton planejou todo seu ano de trabalho já incluindo as colaborações de Camila.

No total foram feitas 12 oficinas, duas por semana, com duração de 4 horas cada. Como integrante da Cia. e participante deste trabalho, pude perceber que as oficinas contribuíram para “abrir nossa mente” para as diversas maneiras de se coreografar, haja vista que a TKV utiliza bastante do improviso e da liberdade de movimento individual dos bailarinos tanto para prover a preparação cênica-corporal, quanto para fazer desta preparação uma prática de criação.

Logo no início das oficinas nós integrantes já notamos que seria um trabalho diferenciado, pois o mesmo não é movido pela cópia de movimentos,

⁷ A Técnica Klaus Vianna é uma técnica de dança e educação somática. Esta, trabalha com a conscientização do corpo, entendendo suas limitações e possibilidades, para que, com isso, este se expresse de maneira eficaz e presente em suas capacidades de ação. (MILLER, 2007)

ou reprodução de passos, foi um trabalho amparado pelos estímulos e instruções verbais que lançavam ideias e provocações aos corpos dos bailarinos, proporcionando assim uma maior liberdade de movimentação e um maior conhecimento sobre a sua dança.

A TKV tem vários princípios, tais como o trabalho com o peso, apoio no chão, fluxo, o trabalho com partituras coreográficas, níveis de presença, dentre outros. A partir destes princípios, Camila estruturou as oficinas. A ideia não foi trabalhar a fundo cada um destes princípios, pois isso exigiria um trabalho mais a longo prazo, mas introduzir esses princípios e perceber como essa introdução era aproveitada pelas integrantes nas práticas de criação em dança. Os trechos a seguir são relatos dessa experiência com a TKV, colhidos pela pesquisadora Camila durante o seu trabalho com a Cia. os mesmos foram cedidos, e utilizados como referencia para a presente pesquisa.

Assim relatam os integrantes:

“... esse trabalho (com a TKV) nos instigou outras maneiras de pensar a composição coreográfica a partir dos métodos de Klaus Vianna. Acredito que o ano que vem será possível identificar novas maneiras dos integrantes criarem coreografias. Com certeza essas oficinas mudaram bastante o meu modo de ver e criar uma composição coreográfica.”

“... Mais uma vez, percebo na aula da Camila a importância do olhar. Um olhar que pode ser para si mesmo, na percepção do seu movimento e um olhar no outro, a fim de dialogar com ele. Esse olhar, para quem vê de fora, traz algo mágico, cria uma sintonia entre o grupo.”

“Meu olhar sobre as composições coreográficas mudou totalmente. Percebi que não há apenas uma forma para se montar coreografias. Como eu vim das academias de dança, estava acostumada com o jeito tradicional das danças, e não utilizávamos muito da exploração de movimentos”

“[...] a cada vez que realizamos esse trabalho, tenho sensações diferentes, e diálogos diferentes, o que acho muito interessante, porque por mais “repetitivo” que pareça, aquilo nunca se repete. É sensacional”

“...Ao término das oficinas eu me senti muito bem! Uma sensação de leveza e tranquilidade, pois a interação que acontece dentro da Cia, entre as integrantes é muito marcante, e que me passa muita paz. Acredito que essas oficinas são capazes de integrar e estruturar ainda mais a Éxciton!”

Fica claro nestes relatos, portanto, que as oficinas com TKV contribuíram muito dentro da Cia. Éxciton, pois trouxeram a oportunidade das integrantes repensarem os seus modos de criação em dança. A ideia agora é levar adiante este trabalho de modo que nos anos vindouros esse trabalho seja amadurecido, não só com a TKV, mas também com outras metodologias contemporâneas de preparação corporal e cênica. Para tanto, a Cia. Éxciton precisa continuar nesta intenção de valorizar a expressividade em suas práticas de criação, só assim, as aprendizagens vivenciadas com a TKV serão repassadas para as novas gerações da Cia.

4.11. O “jeito Éxciton” de montar coreografias

Até aqui fizemos uma exposição das ações de extensão da Cia. Éxciton que se desdobram a partir das aulas de dança. Nesta exposição foi possível falar sobre o local de realização das aulas, dos encontros, de didática, de treino, de herança, ruptura e busca por novos referenciais de criação. Todos estes pontos até aqui trabalhados são referenciais considerados pela Cia. Éxciton no exercício da criação em dança que se traduz, em cena, nas montagens coreográficas. Portanto, falar destes referenciais é falar da “cara” da Cia. Éxciton e de seu jeito único de se expressar.

Sobre este “jeito Éxciton” de montar coreografias incluiremos agora outras considerações derivadas de nossos estudos nesta pesquisa sobre montagem coreográfica.

Para Tolocka, Verlengia (2006) a elaboração de uma coreografia não está somente no ato de executar, mas na sensibilidade de verificarmos as várias vertentes que a compõem, como característica do grupo, o local para sua realização, as condições socioeconômicas, e o respeito ao indivíduo na sua totalidade.

Segue abaixo reflexões descritas no diário de bordo realizado pela pesquisadora:

“Como membro da Cia. há quatro anos, posso descrever detalhadamente como funcionam as preparações corporais dentro da Cia. algumas foram muito marcantes para mim como por exemplo quando começamos a trabalhar na montagem do espetáculo “África em nós”, estreado em 2015, de maneira

geral existe sempre uma preparação para coreografias (...) de modo que sempre existe uma espécie de oficina para os bailarinos que iram compor (...) dentro do roteiro havia uma coreografia que deveria representar a senzala e a agonia vivida pelos escravos naquele ambiente, e então as coreografas escolheram as bailarinas que iriam dançar essa coreografia, explicaram um pouco da intenção que seria trabalhada e então a oficina se iniciou, com as luzes da sala de dança apagadas, uma música ao fundo, foi narrada uma história de sofrimento vivida pelos escravos, e aos poucos fomos nos contaminando com aquela narração e quando dei por mim estava sentindo dores, e exausta de tanto correr em círculos como os escravos eram obrigados a fazer em volta de grandes árvores. Quando a oficina acabou estávamos todas suadas e cansadas, pois foi como se tivéssemos vivido aquilo na realidade, sei que o sofrimento vivido pelos escravos era infinitamente maior comparado a aquela pequena oficina que fizemos, mais com certeza essa vivência mesmo que mínima contribuiu para que a nossa interpretação no palco durante a coreografia, fosse mais real.” (Fragmento de diário da pesquisadora)

Nesta passagem, fica evidente a importante contribuição que as oficinas exercem sobre a interpretação e expressão nos espetáculos. Normalmente, quando as coreografias exigem uma entrega diferente da já experienciada pelos bailarinos, o grupo de coreógrafos responsáveis por essa coreografia se reúne e organiza uma vivência tentando explorar a realidade que terá de ser interpretada naquele momento, para que, quando os bailarinos estejam dançando, eles consigam imergir e trazer o público para junto do universo que está sendo retratado. Em 2014 foi realizada uma dessas vivências em que o objetivo da coreografia era interpretar as torturas sofridas na época da ditadura. Antes de começarmos a montagem coreográfica em si, os coreógrafos deixaram a sala de dança totalmente escura e colocaram um áudio que continha relatos de pessoas que foram torturadas naquele período. Isso contribuiu para que os bailarinos entendessem, mesmo que o mínimo possível, a maneira como eram monstruosas e desumanas as torturas realizadas. A proposta dos coreógrafos agregou muito na hora da atuação do espetáculo, pois, sempre que apresentávamos essa coreografia, a plateia se envolvia a ponto de se emocionar com o sofrimento retratado pelos bailarinos. Além de auxiliar na interpretação e na expressão, essas oficinas também possuem o caráter de aprendizado. no espetáculo de 2015 (África em Nós) fizemos uma oficina com uma coreógrafa convidada para que ela nos ensinasse alguns movimentos característicos da cultura Africana e, a partir dessa oficina, vários

desses movimentos foram incorporados e constituíram as coreografias do espetáculo, tornando a experiência ainda mais enriquecedora para a Cia.

No exceto acima, evidencia-se, mais uma vez, a preocupação da Cia. Éxciton pela expressividade. Se o movimento não for sentido pelo bailarino, a coreografia não passa de uma simples sequência de movimentos sem valor expressivo.⁸ Neste sentido, a Cia. Éxciton assume uma noção de dança muito próxima aos ideais de dança preconizados pela Dança Moderna.

Segundo Garaudy (1980), a dança moderna não pretende estabelecer um novo código, diferente do balé clássico e oposto a ele, mas procura métodos que deem ao corpo meios de expressão. Neste sentido, a Dança Moderna não é uma nova “escola” de dança, mas um ponto de vista novo sobre a vida, um modo novo de abordar o mundo (p. 49 e 50). Ela é a que exprime o homem moderno com suas angústias, seus combates e suas esperanças. Tragédia e mística, heroísmo ou poesia, na dança o homem vive no seu plano mais elevado. (Garaudy, 1980, p.175).

Garaudy também cita a importância da expressão na dança, ponto esse muito ressaltado dentro da Cia., ele diz que a dança moderna, fazendo do corpo inteiro, centrado em si mesmo, um instrumento controlado de expressão e de criação única, deu novamente à dança seu valor propriamente artístico. Além disto, Garaudy ressaltava que a dança é a única arte em que o próprio artista se torna obra de arte, o que reitera a vocação expressionista desta linguagem artística (1980).

Ao contrário do balé clássico, onde os passos e seus encadeamentos obedecem uma ordem pré-fabricada, a dança moderna procurou compor a

⁸ Para alguns autores, a montagem coreográfica não é apenas um exercício linear de sequenciamento de movimentos corporais. Para Dantas (1999), por exemplo, dançar é imprimir no corpo a sensação do movimento. Para Volp (1994), a dança não é um objeto material e estável, mas um elemento vivo que sofre influência do universo a sua volta, por isso, representa a natureza do homem e da sua cultura. Ela revela desde os aspectos psicológicos de um povo como seu sistema de valores, normas, ideais e conceitos estéticos. Além disto, Volp considera a dança como uma série ritmada de gestos e de passos, podendo ser acompanhada de música ou não. Esta série de gestos e passos ritmados remonta os primórdios do ser humano, fazendo parte da história do movimento, da cultura e da comunicação humana, sendo uma das três principais artes cênicas da Antiguidade, ao lado do teatro e da música (Volp, 1994). De acordo com Alves (2007), a coreografia é o fim provisório de um processo, portanto, se constitui enquanto traço furtivo que faz referência a uma dança dançada não apenas sobre o palco, mas também no processo de criação e preparação corporal. Para o referido autor, inscreve-se neste traço furtivo a dimensão enigmática e atraente da coreografia, uma vez que ela sempre diz muito mais do que aquilo que efetivamente consegue cifrar na linguagem dos movimentos.

forma do movimento como expressão de um significado interno (Garaudy, 1980, p. 49).

No início do século XX, e mais ainda depois da grande ruptura causada pela Primeira Guerra Mundial, os bailarinos, para exprimir sua época e a si próprios, tiveram que criar novos meios de expressão, isto aconteceu porque, na leitura de Garaudy sobre o levante dos artistas da dança do início do século, a grande mutação do século não podia se expressar numa língua morta (1980, p.42). Surge desta necessidade, segundo a leitura de Garaudy, os ideais da Dança Moderna.

É mais ou menos dentro desta perspectiva inspirada nos ideais da Dança Moderna que a Cia. Éxciton desenvolve suas criações em dança desde sua criação há mais de 20 anos no Departamento de Educação Física da Unesp de Rio Claro.

Essa inserção institucional é curiosa, tendo em vista o contexto de origem deste projeto de extensão. É sabido que a Educação Física historicamente sempre privilegiou práticas competitivas, ginásticas, higienistas, ou outras práticas alheias aos ideais de expressividade instituídos no contexto da Dança Moderna. Em meados da década de 80 e 90, no entanto, os cursos de formação em Educação Física já começaram a se preocupar com a necessidade de se ultrapassar essa herança, na busca por outros referenciais menos limitados e limitantes para se pensar e vivenciar a dança na educação física. Neste contexto de busca por novos referenciais de ampliação da chamada Educação Física, surge o grupo “Unesp Arte Expressão” que, posteriormente passou a se chamar “Cia. Éxciton” (a partir de 1994). Assim, a seu modo, a Cia. Éxciton também colaborou neste levante de estudos e pesquisa sobre dança e expressão corporal no campo da Educação Física.⁹

Garaudy (1980) ressalta a importância da Educação Física como parte integrante da educação geral, e ainda cita a visão ultrapassada existente com relação a essa disciplina. Se fala como se a Educação Física fosse tida exclusivamente na conta de uma educação do corpo, educação “física” e não educação do movimento, indivisivelmente significativa e expresso pelo homem

⁹ Dentre os principais pioneiros que repensaram a Dança no campo da Educação Física é importante citar o Prof. Dr. Edson Claro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte que faleceu recentemente em Natal. Em seu trabalho como pesquisador e bailarino, sempre se preocupou em integrar a dança com a área de conhecimentos e práticas da Educação Física.

como um todo, independentemente da nefasta segregação dualista entre alma e corpo (p. 181).

Sendo assim, encontramos na dança um remédio para esse dualismo. Segundo Garaudy (1980, p.181), o corpo é o homem que se exterioriza, é o que me liga aos outros e ao mundo, é aquilo por meio de que eu me expesso e tomo consciência de mim mesmo. De modo que a dança agregada a Educação Física não pode se limitar a uma mera inclusão de algumas horas no decorrer dos anos letivos, e sim ser estudada como a base de toda formação do homem, na educação do movimento, das artes do movimento, desde o cinema á ginástica, da dança ao teatro, devendo assim ocupar o seu lugar de direito, sendo esse o primeiro dentre a educação global, no conjunto entre educação e cultura.

A Cia. Éxciton tem um jeito bem particular de compor suas criações dentro desta perspectiva inspirada na Dança Moderna. Para falar sobre esse “jeito”, nada melhor que chamar para este texto a fala das próprias integrantes. C.S, integrante desde 2009, assim relata sobre as particularidades da Cia. Éxciton na montagem coreográfica:

“a grande diferença da montagem coreográfica dentro da Cia comparada as vivencias anteriores foi o aprofundamento de um estudo do tema pela qual esta coreografia era inserida. Além disso, a importância expressiva daquele movimento também foi e é um grande diferencial quando comparo o trabalho dentro da Cia e em outros que faço atualmente. Outro ponto é o caminho pela qual essas coreografias percorrem, sendo criadas a partir de um estudo para serem transformadas em roteiro e em seguida transformadas em movimento. Durante esses caminhos o grupo todo se envolve com cada coreografia, mesmo que ao final, uma ou duas pessoas se responsabilizem em finalizar a montagem daquela coreografia.”

L.P, integrante desde 2012, M.P, integrante desde 2014 e J.C, integrante desde 2013, enfatizam as diferenças sentidas entre a montagem coreográfica da Cia. Éxciton e aquelas realizadas nas suas experiências anteriores com dança. Assim dizem:

“Quando realizavam montagem coreográfica com a professora de jazz, eu me sentia inferior, pois quando dava ideias de movimentos ele aceitava ou não o que mostrava, e as coreografias não tinha um tema, um propósito. E isso já é totalmente diferente na Cia., pois quando monto coreografia com um ou mais integrante, sempre temos ouvidos e espaço para as ideias, sempre uma ajuda a outra, e as coreografias

tem um objetivo específico, não é apenas dançar por dançar.”
(L.P)

“As coreografias nas academias eram baseadas em cópias e reproduções de sequencias de passo, já na Cia, isso é totalmente diferente porque os movimentos têm um significado e um objetivo, não são apenas um mix de sequencias de passos.” (M.P)

“... acredito que existe uma grande diferença entre essas experiências, onde antes a composição vinha a partir de passos moldados em que já conhecia, e dificilmente existia um maior trabalho de expressividade, com mais sentimento. Acredito que as experiências da Cia me trouxeram uma nova visão onde a dança é mais real, mais verdadeira, tentando passar para o público algo a mais, o “dançar por dançar” nesse momento deixa de existir, ou pelo menos tentamos fazer com que isso aconteça. Procuo coreografar agora com mais estudos e aprofundamento do que vou trabalhar nesse processo, tentando desde a música escolhida até o término da coreografia, criar uma forma de fazer com que os bailarinos participantes saibam e entendam a proposta para serem contaminados pela mesma e então passar os verdadeiros sentimento da dança em questão.” (J.C)

Em um de nossos diários de campo coletados durante a realização desta pesquisa registramos uma outra dimensão desta expressividade até aqui sugerida no depoimento das integrantes. Esta outra dimensão diz respeito aos sentimentos e sensações que se passam em nós, coreógrafas e integrantes da Cia. Éxciton, enquanto estamos na fase da montagem coreográfica:

“O processo de criação passa por diversos períodos como de angústias, dúvidas, certezas, sentimentos variados, medos, satisfação, de modo que o processo se alimenta de cada uma dessas sensações e períodos. Assim, o processo de criação oferece muitos e diferentes encantamentos que movem nossa criação em dança...” (Fragmento de diário da pesquisadora)

Nota-se, portanto, que compor coreografias dentro da Cia. Éxciton é trazer para a cena muito de nossa individualidade. Isto ajuda a evidenciar a vocação expressionista da Cia. Éxciton e reitera sua predileção pelos ideais da dança moderna. Não é à toa que a preocupação com a expressividade esteve presente desde seu surgimento, em 1994, sendo aprimorada e constantemente reformulada de geração a geração desde então.

4.12. Os passos de criação

Cada geração da Cia. Éxciton movimenta suas ideias de expressividade e práticas de criação a partir de seus interesses e, no principal, aproveitando e valorizando as características individuais de seus integrantes.

Embora haja evidentes diferenças nas práticas de criação desenvolvidas em cada geração da Cia., basicamente, o planejamento e estruturação dos espetáculos artísticos acontecem mais ou menos da mesma maneira: entre os meses de Maio e Junho, a Cia começa a pensar sobre seu novo espetáculo anual. Em reuniões de discussão, o grupo arma um agendamento para organizar a prática de criação coletiva.

Primeiramente se estabelece um período para que todos possam pensar em potenciais temas de espetáculos, esse período de pesquisa individual dura de sete a quinze dias. Em um dia agendado, cada integrante apresenta sua ideia já traçando um esboço daquilo que pensou e pesquisou. Neste esboço, o integrante fala sobre suas motivações e assim começam as longas conversas sobre qual tema será escolhido.

Depois que as ideias foram expostas, o grupo discute sobre os temas e após a discussão segue-se um período de estudos e pesquisas sobre os temas mais votados. Cada integrante tem a chance de fazer sua própria pesquisa e descobrir nela as motivações para a escolha de um tema em detrimento de outro.

No dia da votação final, todos os temas são escritos na lousa e um de cada vez vai votando nos seus temas preferidos. Dessa forma os temas mais votados vão sendo selecionados até que, enfim, vence um dentre os temas mais votados.

A partir daí, estudos mais aprofundados sobre o tema escolhido são feitos pelos integrantes. É importante observar que esta pesquisa aprofundada é feita em diversas fontes: busca de vídeos, livros, artigos, imagens, reportagens, coreografias, dentre outras linguagens que possam servir de mote para o processo criativo. Concomitante a esta pesquisa, as integrantes dialogam intensamente entre si, assim, na informalidade vão encontrando brechas, soma de ideais, permutas que ampliam a ideia original, dando-lhe novas cores e sabores a partir das intenções geradas no coletivo.

Depois desse período de intensos estudos, diálogos e pesquisas, o grupo do roteiro é formado. Esse grupo tem uma tarefa muito importante: esquematizar um desencadeamento para a ideia original. Essa esquematização não significa, necessariamente, a constituição de uma estrutura lógica com começo, meio e fim. Segundo Salles (2013), a criação pertence ao mundo do prazer e ao universo lúdico, portanto, pensar o exercício da criação em dança é transgredir a linha narrativa do tema que inspira a montagem artística, é estilizar seus sentidos pré-definidos na busca de outros sentidos em eterno processo de reconstrução.

Ao longo dos anos, a Cia. Éxciton foi aprendendo que a linguagem da dança conta sua própria história e, mesmo que tenha um tema bem definido, o encaminhamento deste tema não precisa ser necessariamente linear. Por exemplo, no espetáculo de 2015, intitulado “África em Nós”, o tema principal foi a cultura negra no Brasil, mas o desenvolvimento deste tema não está necessariamente atrelado ao linear histórico desta cultura. É claro que a história também está presente, e é ponto de partida de várias coreografias, mas não foi objetivo do espetáculo se prender à dimensão histórica para contar a cultura negra no Brasil. A história é apenas um dos vários elementos que ajudaram a compor o espetáculo e que estavam previstos no roteiro como esboço que norteou o processo de criação.

Esta discussão se assemelha àquela observada por Garaudy quando analisa o exercício da criação. Segundo este autor, a criação exige um estudo das raízes que são comuns ao ato de trabalho, a técnica e aos movimentos da dança, como o que foi feito por Von Laban para o período em que viveu de modo a descobrir o ritmo próprio de cada época. Exige finalmente, um diálogo das civilizações que permita resgatar os significados, as busca das técnicas das danças, das artes, das culturas e das concepções do mundo da África, das Américas e da Ásia, como centros de iniciativa histórica na invenção do futuro (Garaudy, 1980, p. 176).

Além da disponibilidade para pensar e repensar o roteiro, as integrantes deste grupo precisam ter certa sensibilidade de perceber os movimentos da ideia original assumida. Neste sentido, o roteiro se mantém entreaberto, atento aos desvios e atalhos forjados no processo da criação coletiva. Assim, o roteiro

funciona muito mais como um esboço do que propriamente como uma diretriz que induz o desenvolvimento do tema, segundo parâmetros preestabelecidos.

Por outro lado, o grupo do roteiro sabe que nem tudo é devir, ou seja, é preciso estabelecer certos direcionamentos, até para planejar melhor o processo da criação, por isso, um “esqueleto” (esquema) do espetáculo sempre é produzido. Para isso, as integrantes se reúnem em períodos extra do horário destinado as tarefas da *Éxciton*. Com esse esqueleto, a pesquisa cênica e corporal sobre o tema ganha um contorno mais delineado e este contorno contribui para a organização da criação. Algumas músicas e ideias de composição são sugeridas e estas sugestões contribuem para o desencadeamento da ideia e organização da mesma dentro da linguagem da dança.

Para coletivizar esses direcionamentos do roteiro, o grupo apresenta o que esquematizou para toda a Cia. e, neste diálogo com todos a pesquisa cênica vai sendo amadurecida de modo que quando o grupo vai pra prática efetiva da criação, as ideias já vão tomando corpo de forma mais espontânea, sem que precise haver grande esforço para atrelar sentidos aos movimentos inventados nas coreografias.

Esta estratégia de criação apoiada na construção do roteiro, assumida pela Cia. *Éxciton* se aproxima muito das ideias de Bakhtin sobre originalidade (Bakhtin, 1997; Fiorin, 2008). Segundo este autor (1997), a originalidade da construção encontra-se nas singularidades da transformação. Os elementos já existiam, a inovação está no modo como são colocados juntos. A construção da nova realidade, sob essa visão está no poder de reunir o mundo disperso.

O grupo do roteiro tem exatamente esta função, isto é, traçar o esboço de uma nova realidade que será construída através da dança. Neste sentido o roteiro ajuda na reunião do “mundo disperso”, embora o poder não esteja propriamente no roteiro em si, mas na ação criativa daquele que parte do roteiro para soltar sua imaginação no exercício da criação.

Os roteiros, portanto, são esquemas fundamentais para o amadurecimento das ideias, pois servem como ponto de partida para contextualizar a ideia original do espetáculo e também servem como exercício cênico que liga de forma mais orgânica (natural) os estudos realizados com a movimentação efetivamente coreografada. Assim, os coreógrafos/integrantes

conseguem soltar melhor a imaginação, deixando se afetar pelos movimentos sugeridos pelo roteiro.

Os próprios integrantes da Cia. Éxciton são os responsáveis pela montagem coreográfica. Define-se um responsável pela coreografia, mas todos os integrantes envolvidos na montagem acabam participando ativamente da criação. Em alguns casos, ex-integrantes podem ser convidados pelo grupo para contribuir com a montagem, mas isto em casos excepcionais quando o grupo julga haver neste convite uma oportunidade de enriquecimento do espetáculo, devido a esta contribuição externa.

A escolha de quem irá dançar cada uma das coreografias também é algo bastante discutido dentro da Cia. A princípio, parte-se do pressuposto que como o espetáculo é um conglomerado de coreografias que juntas têm uma duração de uma hora ou mais, não é possível que todas as integrantes dancem todas as coreografias, até para que não sejam vencidas pelo cansaço.

Normalmente os coreógrafos preferem ficar de fora de suas coreografias, para facilitar a limpeza dos movimentos,¹⁰ porém isso não é uma regra.

A depender das escolhas de estilo de cada coreógrafo é natural haver a escolha daqueles que irão dançar a partir da observação do perfil de cada integrante, no entanto, esta estratégia não é predominante dentro da Cia. Éxciton – o que é esperado dentro de um grupo que valoriza a diversidade – no entanto, este critério de escolha também pode ser considerado. Com isto, alguns coreógrafos/integrantes optam por escolher bailarinos que possuam mais técnica, ou mais facilidade na linguagem que escolheu trabalhar dentro de sua coreografia.

Porém há alguns anos o critério que tem se predominado dentro da Cia. é manter o equilíbrio de número de coreografias dançadas por cada integrante, de modo que não fique sempre os mesmos bailarinos no palco, até porque normalmente temos algumas trocas de adereços, como uma peça de roupa ou então uma troca da sapatilha pelo sapato de sapateado, de modo que todos

¹⁰ Na linguagem da dança é comum utilizar a expressão “limpeza dos movimentos” para caracterizar o exercício de verificação, análise, correção e sugestão feito pelo coreógrafo sobre a performance dos bailarinos que irão dançar sua obra coreográfica.

esses detalhes são levados em consideração no momento da criação do espetáculo.

Outro ponto importante é a diversidade das coreografias, e a maneira como elas são construídas por cada coreógrafo, cada um resgata suas inspirações, suas ideias e suas experiências, e dentro da Cia. essa diversidade é extremamente rica, de modo que cada um ensina e aprende uma nova forma de coreografar, uma nova visão de movimentação, o que vai enriquecendo ainda mais o processo criativo e a construção dos espetáculos. O trabalho realizado por uma das integrantes por exemplo, foi um ensinamento de uma nova maneira de se expressar, que através da liberdade de movimentos, trouxe à tona uma nova visão de coreografar, embasada no improviso e na exploração tanto individual quanto coletiva. O resultado deste trabalho foi uma partitura totalmente autêntica, e criada de uma maneira inédita dentro da Cia., o que com certeza agregou e muito para o grupo, e mostrou que não há limites para a criação da arte, ainda mais se tratando de uma arte como a dança, que envolve muito mais que apenas movimentos codificados. A dança está sempre em transformação, sempre há algo novo para aprender, experimentar e vivenciar, e dentro da Cia. Éxciton buscamos sempre caminhar com essa transformação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após uma viagem por todas as etapas que constituem o processo de montagem dos espetáculos da Cia. Éxciton, desde a sugestão de temas, passando pelos estudos e pesquisas, inspirações pessoais, escrita do roteiro, montagens das coreografias, ensaios, e mais ensaios, fica evidente o quanto a Cia. exige que seus integrantes se doem e trabalhem em harmonia trocando experiências e conhecimentos. Cada um surge com seus saberes que enriquecem e diversificam o grupo e, assim, usando da arte como um instrumento de trabalho para tornar real tudo aquilo que foi idealizado dentro da sala de dança, nas páginas escritas pelo roteiro, e na imaginação que extrapola nas reuniões da Cia. É necessário muito trabalho, trabalho esse que cada integrante tem o orgulho de fazer parte.

A dança, que arrasta consigo, em seu renascimento, o teatro, o cinema, a televisão, é uma necessidade de nossa época, enquanto busca de uma expressão e de uma criação que “desaliena” pela tomada de consciência e pelo reencontro de si mesmo e do outro. Garaudy, (1980,p.183). Ela é arte e expressão juntas, formando assim a composição da Cia. Éxciton juntamente com as características de seus integrantes.

Como já citado, as energias da Cia. Éxciton não se limitam a construção dos espetáculos anuais, além dos espetáculos a Cia. ainda desenvolve outras funções extencionistas como o projeto “Aulas abertas em Cia. Éxciton”, apresentações de trabalhos acadêmicos em congressos de extensão, diversas apresentações de fragmentos do espetáculo ou até mesmo o espetáculo na integra nos mais variados locais e eventos, e ainda assume o papel de objeto de estudo para pesquisas de integrantes e ex integrantes como é o caso do presente estudo.

Depois de tudo isso, voltamos às nossas perguntas iniciais: Como a Cia. Éxciton vem compreendendo e desenvolvendo suas práticas de composições coreográficas? Que articulações e sentidos podem ser observados entre esse processo de composição e a preparação corporal/cênica desenvolvida nas aulas de dança que oferece?

Com base em todos os relatos, entrevistas, diários de bordo e estudos realizados, ficou evidente que as oficinas, estudos e pesquisas individuais e em

grupo, e principalmente as “Aulas abertas em Cia. Éxciton”, são as principais ferramentas da Cia. na preparação corporal e cênica de seus integrantes. O que se constitui nestas ações de extensão reflete, de uma forma ou de outra na prática da criação e conseqüentemente da construção dos espetáculos. Como estas articulações entre aula e composição são definidas pelo grupo, vai depender dos interesses discutidos coletivamente entre as integrantes que compõe cada geração da Cia.

Em geral poderíamos pontuar que o processo de criação da Cia. Éxciton se modifica ao passar dos anos, dando a característica das gerações que passaram por este grupo. Todavia, para além destas variações entre gerações o que parece insistir e que marca definitivamente a principal característica da Cia. Éxciton é o trabalho com a expressividade. É justamente este trabalho com a expressão que mantém em aberto as articulações entre aula e composição artística, na busca de novas possibilidades de articulação destas frentes de trabalho.

É esta mesma expressividade que impede que a Cia. Éxciton perceba as aulas de dança dissociadas das práticas de criação. Um dispositivo de trabalho alimenta o outro e vice-versa. Portanto, falar de preparação corporal/cênica na Cia. Éxciton é falar destes movimentos mobilizados durante as aulas e que encontram ecos nas práticas de criação. Desta forma, as “Aulas abertas em Cia Éxciton” funcionam como uma importante ferramenta para a ampliação das noções de dança das integrantes do grupo, pois são nestes momentos que as integrantes vão buscando meios diferenciados de superação das técnicas herdadas por elas em suas histórias de vida. Tal superação não significa negação da herança, mas transformação da mesma de acordo com a disposição criativa das integrantes de se aproveitar desta herança da melhor maneira possível e segundo as intenções de criação definidas coletivamente.

6. BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Marcos Vinícius Machado. **A Selvagem Dança do Corpo**. Curitiba, Paraná: CRV, 2011.

ALVES, F. S. Composição Coreográfica: traços furtivos de dança. In: *TFC – Territórios e Fronteiras da Cena* (Revista on line). Ed.01, ano 04, 2007.

ALVES, F. S. **Cia. Éxciton** – cadastro 2015. Instituto de Biociências. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, SP. Disponível em: <http://proex-unesp.com.br/> Acesso em: 13 Abr. 2015.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BOURCIER, P. **História da Dança no Ocidente**. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

DANTAS, M. **Dança: o enigma do movimento**. 1999.

CAETANO, N. **Processos coletivos de criação: a autoria compartilhada** Fevereiro 2011. Disponível em <<http://primeirosinal.com.br/artigos/processos-coletivos-de-cria%C3%A7%C3%A3o-autoria-compartilhada>> Acesso em 22 set. 2015.

CASTRO, J. **Agrippina Vaganova e o Método Vaganova**. 2005. Disponível em: <http://www.julianacastro.com.br/ijc/index.php?option=com_content&view=article&id=302%3Ametodo-vaganova&Itemid=9> Acesso em: 02 fev. 2016.

CHRISTOFOLETTI, A. E. M; MATOS, M; PERES, L; HENRIQUE, S; CASTRO, J; MACCARI, Y; BARBIERI, C; SILVA, C; FÉRES, N; BRONEL, L.B; ARAUJO, L; RICCI, M; DIAS, L; BOGNAR, A; CASTRO, M; WATANABE, A, B; PEDERSEN, M; ALVES, F; DEUTSCH, S. **Estados de ânimo nas aulas de ballet da Companhia Éxciton**. III Congresso Nacional de Psicologia da Motricidade Humana, Esporte, Recreação e Dança. 2014.

DAMIANI, M. F. **Entendendo o trabalho colaborativo em educação e revelando seus benefícios**. Educar, Curitiba, n. 31, p. 213-230, 2008.

FERNANDEZ, Ciane **O corpo em movimento: o sistema Laban/Bartenieff na formação e pesquisa em Artes Cênicas**. 2ª. Ed. São Paulo: Annablume, 2006.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

FOSALUZA, N. C. **Projetos de extensão da UNESP/ Rio Claro: contribuições à formação profissional dos estudantes de Educação Física**. 2012. 58f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física) Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”- Campus de Rio Claro, Rio Claro.

- FUX, Maria **Dança, experiência de vida**. São Paulo: Summus, 1983.
- GARAUDY, R. **Dançar a Vida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- GIL, J. **Movimento Total**. São Paulo: Iluminuras, 2004.
- GODOY, K. M. A. (Org.). **Experiências Compartilhadas em Dança: Formação de plateia**. São Paulo: Instituto de Artes da Unesp. 1.ed. 115p., 2013.
- HELLER, A. **Som, Corpo, Imagem**. 2001.
- KATZ, Helena **Dança, Pensamento do Corpo**. In: NOVAES, Adalto (Org) **O Homem-máquina: a ciência manipula o corpo**. Companhia das Letras, pp.261-273.
- LABAN, R. **Domínio do Movimento**. São Paulo: Summus, 1978.
- LABAN, Rudolf **Dança Educativa Moderna**. São Paulo: Ícone, 1990.
- LIMA, M. **Composição Coreográfica na dança, movimento humano, expressividade e técnica, sob um olhar fenomenológico**. 2014.
- MELO, A. V.; ROCHA L. V. **Processos Compartilhados em Dança: investigação, criação e aprendizado**. Anais eletrônicos do 7º Seminário de Pesq. em Artes da Faculdade de Artes do Paraná, Curitiba, p. 85-89, jun., 2012.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MIRANDA, R. **O movimento expressivo**. Rio de Janeiro: Funart, 1979.
- MORAES, J. **Sobre o balé clássico: o que devemos jogar fora?**. Conectedance , 2016.
- NOGUEIRA, M. D. P. **Políticas de extensão universitária**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- O BALLET segundo o método da Royal Academy of Dance. 2010. Disponível em:
<<https://sites.google.com/site/palavramagicas/da/novidades/oballetsegundoometododaroyalacademyofdance>> Acesso em: 20 nov. 2015.
- OSSONA, Paulina **A educação pela dança**. São Paulo: Summus, 1988.
- PAMELA, B. **Um Pequeno Resumo Sobre os Diferentes Métodos de Ballet Clássico Existentes**. 2012. Disponível em: <http://pamela-bailarina.blogspot.com.br/2012/06/um-pequeno-resumo-sobre-os-diferentes_03.html> Acesso em: 12 dez. 2015.

RENGEL, Lenira **Dicionário Laban**. São Paulo: Annablume, 2003.

ROBATO, Lia **Dança em processo: a linguagem do indizível**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.

RODRIGUES, Graziela **Bailarino-pesquisador-intérprete: processo de formação**. Rio de Janeiro: Funarte, 1997.

ROHR, Cristina Marino **Dança na Educação Física**. Rio de Janeiro: Sinergia, 2012.

SARAIVA KUNZ, M.A. **Dança e seus Elementos Constituintes: Uma Experiência Contemporânea**. In: Práticas Corporais- Experiências em Educação Física para a outra Formação Humana. 2005.

SERRANO, R. S. M. **Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire**.

Disponível em http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos_de_extensao_universitaria.pdf>Acesso em 23/02/2014.

SILVA, A.C. **As Contribuições da Técnica Klauss Vianna na Pesquisa do Corpo Cênico da Cia. Éxciton**. 2016. Monografia de Conclusão de Curso (Especialização em Técnica Klauss Vianna) – Pontífica Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 2016.

SILVA, M.; SCHWARTZ, G.M. A expressividade na dança. Rio Claro: **Revista Motriz**, v.5, n.2, 1999, p.168-177.

SILVA, A.C.N; MACCARI, Y.P; CHRISTOFOLETTI, A.E.M; PAULA, M.H; BARBIERI, C; BARROS, M.G; PERES, L.R; SILVA, C.A; MATOS, M.T; OLIVEIRA, R.C; SULATTO, J.S; CASTRO, J.A; APOLINÁRIO, Y. F; RENTAS, L; BRONEL, L.B; ARAUJO, L.H.L; DEUTSCH, S; ALVES, F; CORADI, B. G; FÉRES, N. **Cia. Éxciton: Para Quem? Novas Perspectivas em Extensão**. In: I Congresso Local de Extensão Universitária “55 anos de Ensino Público em Rio Claro”. 2013.

SULATTO, J. S. **Conhecimento em movimento nas práticas de extensão universitária da Cia. Éxciton**. Monografia de Conclusão de Curso. Unesp, Instituto de Biociências, Departamento de Educação Física, 2014.

TOLOCKA, Rute Estanislava; VERLENGIA, Rozangela (Orgs.) **Dança e diversidade humana**. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

TORRES, P. L.; ALCÂNTARA, P. R.; IRALA, E. A. F. Grupos de consenso: uma proposta de aprendizagem colaborativa para o processo de ensino-aprendizagem. **Revista Diálogo Educacional**. Curitiba, v. 4, n.13, p. 129-145, 2004.

TREBLES, A. **Uma Concepção Dialógica e uma Teoria do Movimento Humano**. In: Revista do Centro de Ciências da Educação. 2003.
VIGARELLO, G. ; CORBIN, A. ; COURTINE, J. **Historia do Corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

7. ANEXOS

Roteiro das entrevistas

Nome:

Curso:

Ano que Ingressou na Companhia:

- 1) Fale um pouco sobre suas experiências com dança:
- 2) Que modalidades de dança você pratica?
- 3) Que modalidade da dança mais gosta de dançar? Por que?
- 4) Fale um pouco sobre como utiliza os conhecimentos vivenciados nas aulas na constituição de suas coreografias.
- 5) Como é pra você esse movimento de aproveitamento e/ou transformação dos passos aprendidos em aula no exercício da composição coreográfica?
- 6) Quais suas vivências com montagem coreográfica antes de ingressar na Cia ?
- 7) Se já teve vivências com montagem coreográfica antes de ingressar na Cia, descreva quais as principais diferenças entre as diferentes maneiras de trabalho e processo criativo que possam ter existido entre seus trabalhos anteriores e o que ocorre dentro da Cia.
- 8) Quais suas experiências como coreografo dentro do grupo.
- 9) O que você entende por processo criativo?
- 10) Como as aulas de dança contribuem nesse processo?
- 11) Como você prefere coreografar, em grupo ou individualmente? Explique os motivos dessa sua escolha.

Roteiro para realização dos relatórios individuais

Nome:

Curso:

Ano que Ingressou na Companhia:

- 1) Descreva, detalhadamente, seu processo de planejamento das aulas que ministrou no projeto “Aulas Abertas em Cia. Éxciton”. Quais foram os objetivos das aulas? Que estratégias utilizou? Obteve ajuda de outro integrante?

Nas questões seguintes queremos saber como é pra você montar coreografias, portanto, considere uma coreografia (ou várias) que tenha coreografado:

- 2) Descreva como ocorreu o processo de criação dessa(s) coreografia(s).
- 3) Que motivações utilizou para coreografar? Partiu da música? Partiu de uma qualidade expressiva específica? De uma ideia? Fale um pouco sobre isso tudo:
- 4) Que modalidade de dança serviu de ponto de partida para o exercício de sua composição?
- 5) Como enxerga as relações entre as aulas de dança que ministrou e a prática da montagem coreográfica?
- 6) Quando a ideia é aprimorar a performance dos seus bailarinos na coreografia que você montou, o que você faz? O que exige deles? (ponta de pé? Postura? Expressão? Qual expressão? Como aprimora essa expressão? Que recursos utiliza para esse aprimoramento?).

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – (TCLE)
(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12)**

O(a) Sr(a) está sendo convidado para participar de uma pesquisa de Iniciação Científica intitulada “Olhares sobre a preparação cênica e a criação artística da Cia. Éxciton”. O objetivo da referida pesquisa é verificar os modos que a Cia. Éxciton vem constituindo suas montagens coreográficas e compreender as relações que estabelece entre preparação corporal/cênica e processo criativo. Os benefícios da pesquisa são: Auxiliar a Cia. no aprimoramento de seus instrumentos de pesquisa e extensão assim continuar levando arte de qualidade para toda a comunidade. Além disso, as reflexões geradas neste estudo contribuirão para ampliar o exercício da formação daqueles que se envolvem nesse projeto de extensão universitária.

O projeto de pesquisa será desenvolvido por Letícia Batista Bronel, RG 43.738.913 -3 , aluna da graduação do Curso de Educação Física – Instituto de Biociências – UNESP, Rio Claro, sob a responsabilidade e orientação do Prof. Dr. Flávio Soares Alves, professor Assistente Doutor do Curso de Educação Física acima referido.

Caso o(a) Sr(a) aceite participar desta pesquisa irá Responder a uma entrevista semiestruturada, sobre questões relacionadas as aulas de dança, ao processo criativo, e a criação dos espetáculos anuais da Cia. Éxciton. O tempo de duração da Entrevista será 30 minutos, aproximadamente. Além disso, os integrantes da Cia. Éxciton envolvidos nesta pesquisa serão convidados e produzir um relatório composto por questões abertas sobre as aulas, os processos de criação e montagem coreográfica realizados. Os relatórios serão fornecidos no início da pesquisa, de modo que o participante terá de dois a três meses para a devolução do mesmo. A ideia é que o participante registre suas impressões sobre os trabalhos que realizou dentro da Cia. ao longo da vigência desta

A participação é voluntária e a eventual recusa em participar, seja ela em qualquer momento da pesquisa, não lhe provocará nenhum dano ou punição e sua participação não lhe gerará nenhum custo e o(a) senhor(a) também não será remunerado pela participação. Sua identidade será mantida em sigilo e os resultados serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa.

A aplicação das entrevistas e produção dos relatórios podem gerar riscos, tais como desconfortos e constrangimentos acerca das questões que devem ser respondidas. Para minimizar esses riscos será feita uma explicação clara e coesa aos participantes, acerca desses instrumentos de coleta de dados, além disso, as aplicações serão realizadas de modo privativo, sem interferências alheias, em local previamente agendado com o pesquisador. A qualquer momento, durante as entrevistas, a pesquisadora se colocará à disposição para esclarecimentos sobre eventuais dúvidas que possam surgir com a pesquisa. Quanto aos relatórios, a pesquisadora deverá reiterar, junto aos participantes, o caráter espontâneo e criativo desses registros, nos quais queremos valorizar os modos como cada um dos participantes entende as proposições investigativas aqui assumidas e transforma esse entendimento em escrita: registro de processo.

Se o(a) senhor(a) se sentir esclarecido sobre a pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-(a) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com o senhor(a) e a outra com a pesquisadora.

_____, ____/____/____

Prof. Dr. Flávio Soares Alves

Assinatura do Participante

Pesquisador Responsável

Dados sobre a pesquisa:

Olhares sobre a preparação cênica e a criação artística da Cia. Éxciton

Orientador e Pesquisador Responsável: Prof. Dr. Flávio Soares Alves

Cargo/Função: Professor Assistente Doutor

Instituição: Departamento de Educação Física – Instituto de Biociências – UNESP – Rio Claro.

Endereço: Av.24-A, 1515 – Bela Vista – Rio Claro – SP

Dados para contato: (19) 3526.4329 e-mail: flavio_alves@rc.unesp.br

Aluno pesquisador:

Letícia Batista Bronel

F: (19) 992027374

Email: leticia.bronel@gmail.com

CEP-IB/UNESP-CRC

Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP

Telefone: (19) 35269678

Dados sobre o(a) participante da Pesquisa:

Nome: _____

Documento de Identidade: _____

Sexo: _____ Idade: _____ Data de nascimento: ____/____/____

Endereço: _____

Telefone para contato: () _____

E-mail: _____

Observação: _____

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título de pesquisa: Olhares sobre a preparação cênica e a criação artística da Cia. Éxciton

Pesquisador: Flávio Soares Alves

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 47825515.3.0000.5465

Instituição Proponente: Instituto de Biociências de Rio Claro/ Universidade Estadual Paulista –

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.299.166

Apresentação do Projeto:

O parecer se refere à pesquisa de Iniciação Científica com o título "Olhares sobre a preparação cênica e a criação artística da Cia. Éxciton", apresentado pela aluna Leticia Batista Bronel, sob responsabilidade e orientação do Prof. Dr. Flávio Soares Alves. A pesquisa tem como foco de investigação os modos como a Cia. Éxciton constitui suas montagens coreográficas.

Objetivo da pesquisa:

A pesquisa tem como objetivo principal "Analisar os modos como a Cia. Éxciton vem movendo seus processos criativos e, como desdobramento deste processo, constituindo suas composições coreográficas."

Avaliação dos Risco e Benefícios :

A pesquisadora, ao indicar os riscos da pesquisa, aponta que eles podem existir no momento da aplicação das entrevistas e produção dos relatórios, "tais como desconfortos constrangimentos acerca das questões que devem ser respondidas" e para minimizá-los fará a "explicação clara e coesa aos participantes, acerca desses instrumentos de coleta de dados" e as entrevistas "serão realizadas de modo privativo, sem interferências alheias, em local previamente agendado com o pesquisador." A pesquisadora garante também que durante as entrevistas se colocará à disposição para esclarecimentos.

Quanto aos benefícios, a pesquisa deverá auxiliar a Cia. Éxciton no aprimoramento de seus instrumentos de pesquisa e extensão e as reflexões geradas pelo estudo contribuirão para ampliar o exercício da formação daqueles que se envolvem nesse projeto de extensão universitária.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A proposta da pesquisa envolve a "Companhia Éxciton", projeto de extensão universitária do Departamento de Educação Física da Unesp, Câmpus de Rio Claro, formada por alunos da Unesp que realizam diferentes cursos de graduação. O projeto desenvolve trabalhos com dança, arte e expressão a partir do trabalho cooperativo e colaborativo realizado por seus integrantes. Tendo em vista essas ações de extensão, o objetivo da pesquisa é verificar "os modos que a Cia. Éxciton vem constituindo suas montagens coreográficas e compreender as relações que estabelece entre preparação corporal/cênica (o momento das aulas de dança) e o processo criativo."

O processo da pesquisa, cuja metodologia é de natureza qualitativa, terá uma fase de análise documental em registros científicos e cadastrais já realizados sobre a Cia. Éxciton para assim situar o contexto desse projeto no âmbito da extensão universitária. Em seguida, a pesquisadora fará a observação participante, com uso de diários de campo, e a análise das entrevistas e relatórios produzidos com os participantes da Cia.. Os dados serão analisados pelo "exercício da análise descritiva dos dados, o que tornará possível o mapeamento das ações de extensão da Cia. Éxciton e verificação das relações evidenciadas nessa pesquisa."

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O TCLE atende, de maneira satisfatória, todos os itens necessários, elencados a seguir:

- está na forma de convite;
- esclarece quais são os objetivos e os benefícios da pesquisa;
- apresenta o nome e o RG do pesquisador e do orientador;
- esclarece como será feita a pesquisa (metodologia) de forma sucinta e inteligível para o participante, ou seja, participar de uma entrevista semi-estruturada, com duração de 30 minutos, gravada em áudio e posteriormente transcrita, e produzir um relatório composto por questões abertas sobre as aulas, os processos de criação e o exercício da montagem coreográfica que realizou dentro do grupo;
- esclarece que a participação é voluntária e que não trará nenhum dano ou punição caso se recuse em participar em qualquer momento da pesquisa e que também não terá qualquer custo ou remuneração para o participante, assim como garante o sigilo da identidade, assim como se compromete a utilizar os resultados apenas para os fins da pesquisa;
- faz menção aos riscos que envolvem a participação e esclarece sobre os cuidados para minimizá-los;
- indica que o termo terá duas vias, uma para o participante e outra para a pesquisadora.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O CEP APROVA O PROTOCOLO DE PESQUISA